

□ Tempo de leitura: 6 min.

A figura do Servo de Deus Carlo Cresspi (1891-1982) se insere entre as experiências missionárias mais significativas da tradição salesiana do século XX. Sacerdote, educador e homem de vasta cultura científica e artística, soube direcionar seus talentos para o serviço dos jovens e dos pobres. Chegando ao Equador em 1923, passou quase toda a sua vida em Cuenca, onde promoveu obras educativas, sociais e pastorais que marcaram profundamente a vida da cidade. Ao lado da atividade cultural e do empenho educativo, a atenção aos mais necessitados — crianças, meninos de rua e famílias pobres — permaneceu sempre no centro de seu apostolado. Por isso, o povo o recordou sobretudo como “padre Cresspi”, um sacerdote próximo das pessoas e animado por uma grande confiança na Providência.

Carlos Cresspi nasceu em Legnano (Milão) em 29 de maio de 1891, filho de Daniel e Luísa Croci. Ele era o terceiro de treze filhos. Assim como João Bosco, desde cedo o Senhor o cumulou de grandes dons: inteligência, generosidade e vontade. Depois de frequentar uma escola local, aos 12 anos conheceu os salesianos no Colégio Santo Ambrósio, em Milão, onde concluiu o ensino médio. Ele conta: “Quando eu estava estudando no colégio, a Virgem me mostrou um sonho revelador: eu me vi vestido como um padre com uma longa barba sobre um púlpito antigo, pregando diante de muitas pessoas. O púlpito, no entanto, não parecia uma igreja, mas uma cabana...”.

Em 1903, ele foi completar seus estudos no colégio salesiano de Valsalice (Turim) e sentiu-se chamado à vida salesiana. Fez o noviciado em Foglizzo. Em 8 de setembro de 1907, fez sua primeira profissão religiosa e, em 1910, sua profissão perpétua. Começou a estudar filosofia e teologia em Valsalice; ao mesmo tempo, ensinava ciências naturais, matemática e música. Em 1917, foi ordenado sacerdote. Na Universidade de Pádua, descobriu a existência de um micro-organismo até então desconhecido, o que despertou o interesse dos cientistas. Em 1921, recebeu o título de doutor em ciências naturais, seguido de um diploma em música. Em 1923, seguindo o caminho que lhe foi mostrado pela Virgem, ele partiu em missão para o Equador.

Desembarcou em Guayaquil e foi para Quito; logo depois, mudou-se para Cuenca, onde permaneceria pelo resto de sua vida. Começou seu enorme trabalho para os pobres: instalou luz elétrica em Macas, no meio da floresta amazônica, e abriu uma escola agrícola em Cuenca, trazendo maquinário e pessoal especializado da Itália. Em pouco tempo, como num passe de mágica, ele implementou o que ficou conhecido como a *revolução branca*: o Normal Orientalista, o Instituto Cornelio Merchán, o Colégio Técnico, a Quinta Agrônômica, o Teatro Salesiano, a “Gran Casa” da comunidade. O P. Crespi se multiplica: é um homem que nunca descansa! Enquanto durante o dia ele dirige e administra suas obras, à noite ele continua o trabalho que ficou inacabado. Dia e noite, pessoas sem recursos se dirigem a ele em filas intermináveis: ele coloca a mão no bolso grande de sua batina preta e o dinheiro sai como num passe de mágica. Com o tempo, gerações de pessoas se seguiram, beneficiando-se do coração generoso e terno desse padre que semeia escolas, quadras esportivas e refeitórios para crianças pobres.

Ele divulgou a devoção a Maria Auxiliadora com todas as suas forças, passando parte de seu tempo no santuário de mesmo nome. Seu confessor, especialmente nos últimos anos de sua vida, é lotado e as pessoas começam a chamá-lo espontaneamente de “São Carlos Crespi”. Ele está sempre entre os pobres: nas tardes de domingo, catequiza crianças de rua, dando-lhes, além de entretenimento, o pão de cada dia. Ele organiza oficinas de corte e costura para as meninas pobres da cidade. Recebeu inúmeras honrarias, incluindo: a Medalha de Ouro do Mérito do Presidente da República do Equador; o Canonato Honorário da Catedral de Cuenca; a Medalha de Ouro do Mérito Educacional do Ministro da Educação; a Comenda da República Italiana; a declaração de “habitante mais ilustre de Cuenca no século XX”; o Doutor Honoris Causa post mortem da Universidade Politécnica Salesiana. Ele morreu em Cuenca em 30 de abril de 1982. Todo o Equador lamentou a morte de um filho santo de Dom Bosco.

1. O segredo do Padre Crespi

Por trás de seu imenso trabalho e de suas múltiplas atividades estava o desejo de imitar Cristo em seu amor preferencial pelos pobres, em sua aproximação aos pequenos, em sua preocupação com os pecadores, esquecendo-se de si mesmo e com grande humildade, refletida na simplicidade de seus gestos. Com o passar dos anos, seus interesses científicos e acadêmicos foram diminuindo, e sua dedicação aos pobres e às crianças abandonadas tornou-se cada vez mais predominante. Sua

humildade também pode ser vista na batina surrada que usa, nos sapatos rasgados e na refeição frugal, no pequeno quarto sóbrio mobiliado apenas com uma cama de madeira. Os muitos reconhecimentos que recebeu por seu trabalho nos campos científico, artístico e cultural foram destinados aos seus pobres: “Excelência”, respondeu ele quando recebeu o título de cônego honorário, “o padre Crespi não busca medalhas, mas pão, arroz e açúcar para seus filhos pobres”. Ele era um homem de alta cultura no campo científico como historiador e arqueólogo, no campo cultural como músico e pianista. Ele se destacou como confessor por seu estilo sóbrio, mas cheio de humanidade, bondade e ternura: a verdadeira face do amor misericordioso de Deus. Ele chegou a confessar 16 horas por dia sem comer nada. Deixou como testamento o fato de que amava muito Maria Auxiliadora e as crianças pobres.

Ele é lembrado em seus movimentos frenéticos diários entre o confessionário e o altar, entre o santuário e a escola, com um sorriso de criança nos lábios, os olhos vivos dançando alegremente, os dedos da mão direita rezando um velho rosário. Uma vida de louvor a Deus e entrega amorosa ao próximo, um contemplativo em ação, um monge de Deus em meio a um povo de pecadores. Aos noventa anos, era um homem e uma criança; um homem de contrastes tipicamente evangélicos: revelou a Providência na pequenez, a Sabedoria na ingenuidade, a Bondade na firmeza, a Misericórdia na capacidade de criar do nada um maravilhoso mundo de valores. Ele foi capaz de converter seus dons e habilidades como músico profissional, criado na tradição clássica europeia, na simplicidade e na cultura dos povos indígenas. Ele se deixou sintonizar com a música profundamente sentimental do povo e com os motivos caros às pessoas simples, para ouvir por horas a fio as misérias do povo, as desavenças da vida, os gritos do pecado e da paixão habitual. Ele mudou a música pelo confessionário, a escala de sons pela gama de misérias humanas. Vale a pena lembrar outra conversão: de uma vocação juvenil e de uma experiência missionária inicial para as ciências naturais, para uma paixão de serviço e dedicação aos necessitados.

2. Cuencano por eleição

Ele amava o povo de Cuenca e era amado e reverenciado por ele como um santo: amava as pessoas importantes por sua cultura, as crianças por sua inocência e bondade, os pobres por serem amigos de Cristo. Para as crianças, ele organizou o oratório festivo; para os meninos, uma escola com cerca de 1.500 alunos; fundou o

teatro e um museu de grande prestígio e valor científico e cultural. Com o tempo, a cidade de Cuenca e o Padre Crespi se tornaram um par inseparável; ele chegou a essa cidade equatoriana em 24 de abril de 1923 e permaneceu lá até sua morte: cerca de 60 anos!

Por causa dos muitos anos que viveu em Cuenca, ele recebeu muitos prêmios. O “milagre” do Padre Crespi foi o resultado de sua confiança ilimitada na Providência, mesmo na hora da provação, como quando, em 1962, as chamas devoraram rapidamente o grande instituto que ele havia construído com tantos sacrifícios. Ele chegou ao fim de sua longa e laboriosa vida, amado e venerado como um patriarca bíblico. Muitos acreditavam que ele era de origem nobre, filho de condes, mas com um olhar de fé e santa astúcia ele afirmava: “Somos todos filhos de Deus, este é o melhor título!”

Permaneceu com os pequenos até o fim de sua vida, favorecendo o trabalho e o espírito do oratório salesiano, que considerava a obra genial de Dom Bosco, a mais bela, a mais satisfatória. O oratório animado por jogos, filmes bíblicos, cômicos, de aventuras, formado por aulas de catecismo, lembrado e amado por suas celebrações alegres e fraternas. E o Padre Crespi no meio de seus meninos com sua lendária campanha, dando ordens, gritando, sempre com um olhar paternal e compreensivo. A cidade de Cuenca o venera e admira como uma relíquia de santidade e sabedoria. Para o povo dessa cidade equatoriana, ele foi guia, pai, conselheiro, confessor, filho ilustre, cuja Causa de Beatificação e Canonização foi lançada em 2006.